

O HERÓI E A MODERNIDADE EM AS MULTIDÕES, DE CHARLES BAUDELAIRE

Marcio da Silva Oliveira³⁶

Resumo

Charles Baudelaire define o termo romantismo como o autêntico sinônimo da vida moderna. Cabe aos artistas, segundo o poeta, o desafio de extrair a eternidade do tempo presente. Para Baudelaire, trabalhar o conceito de modernidade é o mesmo que examinar duas facetas de uma mesma realidade. De um lado, a modernidade delinea o fugidivo, o transitório, o contingente; no outro lado situa-se o eterno, o imutável. Cabe ao herói moderno uma busca de significado da existência frente às transformações sociais trazidas pelos efeitos avassaladores da modernidade. Sendo assim, o presente trabalho tem como objetivo um estudo acerca das personificações do herói moderno proposta por Baudelaire. Situado na imensidão da metrópole e como participante de um jogo de máscaras, o herói baudelairiano é o retrato da efervescência trazida pelo progresso, aquele que fixa residência no meio da multidão. Dentre as personalidades do herói de Baudelaire, destacam-se o *Flâneur*, que perambula pela cidade à caça de inspiração, e o *Dândi*, caracterizado por assumir uma vida estetizada. Com a análise do texto *As multidões*, buscamos entender melhor sua nova perspectiva da figura do herói, situado em meio ao turbilhão das contradições trazidas pela modernidade.

Palavras-chave: Baudelaire. Modernidade. Herói. Flâneur. Dândi.

Abstract

Charles Baudelaire Romanticism defines the term as synonymous with authentic modern life. It is up to the artists, according to the poet, the challenge of extracting the eternity of the present time. For Baudelaire, work the concept of modernity is the same as examining two facets of the same reality. On one hand, modernity outlines the fleeting, the transitory, the contingent; on the other side lies the eternal, unchanging. It is for the modern hero a search for meaning of life in the face of social changes brought about by the detrimental effects of modernity. Thus, this paper aims to study about the personifications of modern hero proposed by Baudelaire. Situated in the immensity of the metropolis and as a participant in a game of masks, Baudelaire's hero is the picture of effervescence brought by progress, one that fixed residence in the crowd. Among the personalities Hero Baudelaire, we highlight the *Flâneur*, who wanders around town hunting for inspiration and *Dandi*, characterized by assuming an aestheticized life. With text analysis *Crowds*, we seek to better understand his new perspective of hero figure, set amidst the whirlwind of contradictions brought by modernity.

Keywords: Baudelaire. Modernity. Hero. Flâneur. Dandi.

INTRODUÇÃO

³⁶ Atualmente matriculado como aluno regular no curso de Doutorado em Letras, pela Universidade Estadual de Maringá- UEM. Graduação em Letras pela Faculdade Estadual de Educação Ciências e Letras de Paranavaí - FAFIPA (2005) e Mestrado nas áreas de concentração Estudos Literários: Literatura Comparada e Literatura e Historicidade, pela Universidade Estadual de Maringá - UEM (2011).

Esse trabalho objetiva analisar a essência da personificação do herói moderno mediante a presença de duas figuras indispensáveis da realidade contemporânea a Baudelaire e que se estende até nossos dias: o dândi e o flâneur. Através da análise do texto *As multidões*, buscamos captar a visão de Baudelaire a respeito da figura do herói no processo de caracterização da modernidade.

Para tal proposta, o artigo divide-se em três partes: no primeiro momento trabalhamos com o conceito de Modernidade adotado por Baudelaire. Para isso, contamos com as definições do poeta sobre o que é ser moderno e também com a opinião dos críticos Marshal Berman e Walter Benjamin sobre esse conceito em sua obra. Num segundo momento, caracterizamos o herói moderno baudelairiano, um ser dividido entre o efêmero e o eterno captados em seu relacionamento com a multidão que movimentava o fantástico cenário da cidade grande. Por fim, focalizamos a figura do herói e o conceito de modernidade através da análise do poema *As multidões*, de Baudelaire.

Assim, a importância do novo herói, que nasce com o florescer de uma nova era chamada modernidade, marca o surgimento de um grande poeta que, com sensibilidade (misturada ao ócio, às mulheres e ao tabaco) nos brinda com uma obra capaz de revolucionar conceitos relacionados à natureza, ao belo, e ao sentido da existência.

BAUDELAIRE E A MODERNIDADE

O poeta e crítico francês Charles Baudelaire (1821-1867) foi o grande responsável por lançar as bases da poesia moderna. Conhecido por sua controvérsia e pelo tom obscuro presente em seus textos, é considerado pela maioria dos críticos o poeta da civilização moderna. Suas obras destacam um ser dividido entre a transitoriedade do mundo que se transforma pelas mãos do progresso e a busca pelo eterno e imutável. É seguindo essa premissa a respeito da realidade que Baudelaire retrata, em sua obra, o mundo novo que se apresenta, delineando um novo tipo de herói, capaz de captar a poesia por trás das grandes contradições trazidas pela modernidade.

Na imensidão das movimentadas ruas de Paris, Baudelaire conseguiu captar a efemeridade trazida pela modernidade. A capital francesa, na época do poeta, transformava-se de maneira vertiginosa. Seus salões, cafés e bulevares eram frequentados por uma sociedade burguesa emergente, desejosa de ver sua imagem

refletida no luxo e na grandiosidade arquitetônica planejada por Haussmann, então prefeito de Paris. Por outro lado, a classe pobre que vivia no centro da cidade foi automaticamente retirada desse local e despejada na periferia, o que, para Baudelaire, desencadeou um conflito social.

A maioria dos teóricos credita a ele a criação do termo modernidade. Em sua obra *O pintor da vida moderna*, Baudelaire afirma: “a modernidade é o transitório, o efêmero, o contingente. É a metade da arte, sendo a outra metade o eterno e o imutável” (BAUDELAIRE, 1995a, p. 859). Com essa primeira definição, nota-se que o sentido de modernidade em Baudelaire é difícil de determinar, pois seu caráter é surpreendentemente vago.

Trata-se de um conceito que busca romper com modelos clássicos que dominavam a cultura francesa de sua época, segundo os quais os gestos e as vestimentas do período clássico seriam capazes de produzir verdades fixas e eternas. Ao mesmo tempo em que critica o caráter fixo da era clássica, Baudelaire destaca a valorização do instante, a poesia por trás da transitoriedade do cotidiano. O pintor da vida moderna, dessa forma, é aquele que “concentra sua visão e energia no instante que passa e em todas as sugestões de eternidade que ele contém” (BERMAN, 1998, p. 30).

Segundo Marshal Berman, Baudelaire, ao trabalhar com o conceito de modernidade, orienta seu leitor na direção de forças primárias da vida moderna e, ao mesmo tempo, não deixa claro o que exatamente são essas forças. Para Berman:

Se percorrermos sua obra, veremos que ela contém várias visões distintas da modernidade. Essas visões muitas vezes parecem opor-se violentamente umas às outras, e Baudelaire nem sempre parece estar ciente das tensões entre elas. (BERMAN, 1998, p. 131).

É nesse contexto histórico repleto de contradições, onde o contingente funde-se com o eterno, o social com o lírico, o artificial com o natural, que Baudelaire apresenta as personificações do herói moderno. O herói moderno não é necessariamente um herói. Ele apenas representa o papel de herói. A modernidade heróica se revela como uma tragédia, onde o papel do herói está disponível.

Berman, em seu ensaio *Baudelaire: o modernismo nas ruas* destaca as palavras de Paul Verlaine a respeito do poeta francês. Segundo ele:

A originalidade de Baudelaire está em pintar com vigor e novidade, o homem moderno [...] como resultante dos refinamentos de uma civilização excessiva, o homem moderno, com seus sentidos aguçados e vibrantes, seu espírito dolorosamente sutil, seu cérebro saturado de tabaco, seu sangue a queimar pelo álcool. [...] Baudelaire pinta esse indivíduo sensitivo como um tipo, um herói (VERLAINE *apud* BERMAN, 1998, p. 130).

Dentre as personificações propostas por Baudelaire, destacamos a seguir duas figuras que melhor representam as características indispensáveis ao herói da vida moderna.

O DÂNDI

O dandismo é considerado pela maioria dos críticos como uma nova e derradeira categoria aristocrática que se definia essencialmente pela estetização incondicional da vida num delicado jogo de aparências. Jogo esse comandado pela constante busca de destaque numa sociedade marcada pelo triunfo da revolução industrial e que, por isso, adquire um caráter cada vez mais massificador e impessoal. Ivan Junqueira, no prefácio à obra *Flores do mal*, afirma que o dandismo em Baudelaire “está não apenas na raiz de toda a fundamentação do que produziu o autor, mas até mesmo na origem e na justificação de sua conduta humana e social” (BAUDELAIRE, 1985, p. 55).

O entendimento do dandismo baudelairiano passa necessariamente pelo resgate do conceito de natureza segundo o poeta francês. Correntes filosóficas do século XVIII viam a natureza como a fonte de todo o bem e de todo o belo. O filósofo Rousseau, com sua teoria sobre o *Bom Selvagem*, acreditava que o homem em estado natural era bom e sua corrupção era causada pelo surgimento do Estado. Junqueira destaca que Baudelaire reage a essas teorias sobre a natureza e, em sua obra, “deixa muito clara sua posição: tudo o que é natural é abominável” (BAUDELAIRE, 1985, p. 55).

Assim como em Pascal, a natureza aparece para Baudelaire como corrompida por ela mesma. Em *O pintor da vida moderna*, presenciamos o desapego do poeta ao natural e a valorização de tudo aquilo que é artificial:

A natureza não ensina nada, ou quase nada, ou seja, ela *obriga* o homem a dormir, a beber, a comer, a se defender bem ou mal, contra as hostilidades da atmosfera. É ela igualmente que leva o homem a matar seu semelhante, a

devorá-lo, a sequestrá-lo, a torturá-lo. [...] A virtude, ao contrário é *artificial*, sobrenatural, já que foram necessárias em todas as épocas e em todas as nações deuses e profetas para ensiná-la à humanidade animalizada e que o homem, por si só, teria sido incapaz de descobri-la. O mal é praticado sem esforço, *naturalmente*, por fatalidade; o bem é sempre produto de uma arte. (BAUDELAIRE, 1995a, p. 874-875).

O dandismo está na base da teoria estética e da conduta humana de Baudelaire, pois, representa tudo aquilo que é antinatural. A figura do dândi, espécie de máscara utilizada por Baudelaire e que, às vezes, se mistura com a própria face, pode ser considerada uma das principais personificações do herói moderno. Nas ruas da grande cidade, ele é visto como o homem rico que, por sua dedicação ao ócio, não possui outro trabalho senão o de buscar a felicidade. Acostumado desde a juventude com as festas nos grandes salões, o dândi não possui outra profissão que não seja a da elegância, a busca pelo belo que, em Baudelaire, inevitavelmente, deságua no artificial.

O dândi como personificação do herói moderno, segundo Baudelaire (1995a, p. 526), “deve procurar ser ininterruptamente sublime – mesmo quando dorme deve viver como se estivesse diante de um espelho”. Enquanto atitude filosófica, esse personagem baudelairiano destaca um tipo de rebeldia contra os ideais da consciência burguesa.

O cuidado com a aparência, com os perfumes e, principalmente, com o ócio, posiciona o dândi numa situação contrária ao modo de viver da burguesia. Ao ostentar sua maneira diferenciada diante das transformações sociais, ele contraria “o projeto massificador da sociedade, no mesmo trunfo que repudia o princípio de valorização do trabalho e do lucrativo, ao brindar o ócio e o prazer no cortejo do virtual e do inútil” (BOUÇAS, 1995, p. 11). O dândi é o herói moderno que decide destacar-se na massa, fugindo da voz autoritária da burguesia emergente, numa espécie de transgressão da ordem vigente.

Ao destacar a figura do dândi, dando-lhe uma das máscaras principais do herói moderno, Baudelaire atribui a ele o caráter de pintor da vida moderna que, como já vimos, é aquele capaz de captar o instante e dar a ele dosagens de eternidade. Através do ensaio *O pintor da vida moderna*, escrito entre os anos de 1959 e 1960, o poeta vislumbra “a modernidade como sendo um grande show de moda, um sistema de aparições deslumbrantes, brilhantes fachadas, espetaculares triunfos de decoração e estilo” (BERMAN, 1998, p. 133).

Nesse ensaio, Baudelaire acresce à imagem do pintor Constantin Guys o caráter de protagonista da vida moderna, aquele capaz de pintar a magnitude do instante nesse mundo em constante transformação. Considerado por Baudelaire como o pintor moderno por excelência, Guys exercia uma função que, nos dias atuais, chamaríamos de fotojornalismo. Seu trabalho consistia em desenhar, de modo rápido, os acontecimentos da metrópole, dentre os quais se destacavam batalhas, festas sociais ou simplesmente uma visita a algum prostíbulo.

Essas imagens produzidas por ele, na maioria das vezes, ilustravam os jornais de grande circulação da Paris de sua época. Pelo fato de destacar eventos, a peculiaridade de Guys era necessariamente captar o instante, retratar fragmentos da vida refletidos nos estilhaços dos acontecimentos.

O encontro de Baudelaire com Guys leva o poeta a descobrir algo de grande importância a respeito do sentido da modernidade para o herói moderno diante da vida:

Seu poder de gerar formas de ‘show de aparências’, modelos brilhantes, espetáculos glamorosos, tão deslumbrantes que chegam até a cegar os indivíduos mais perspicazes para a premência de sua própria e sombria vida interior. (BERMAN, 1998, p. 135).

Para Baudelaire, a chave para se entender a obra de Guys é imaginá-lo como um ser em estado permanente de convalescência. Estar convalescente assemelha-se a um retorno à infância, em que se resgata, tal como a criança, a faculdade de maravilhar-se de maneira intensa com as coisas, por mais triviais que essas pareçam ser.

Baudelaire edifica seu pensamento e, em consequência, sua visão de herói moderno, dentro dos limites da cidade. A experiência da modernidade, em sua obra, é indispensavelmente urbana e essa deve ser a peculiaridade maior do pintor moderno. É importante ressaltar que o poeta não credita à cidade tal importância por suas paisagens, mas por causa das relações que se estabelecem em seu âmbito. Os cruzamentos, as exclusões, os novos valores que surgem e as funções de cada um dentro desse limite é o que dá ao ambiente urbano o caráter de depositária da modernidade.

Diante desse panorama acerca do dandismo e do pintor da vida moderna, percebe-se que, em Baudelaire, o dândi é a personagem símbolo da modernidade. Além de representar a face mais visível do culto do poeta à beleza do artificial em contraposição à imagem negativa do natural, o dândi torna-se, ao mesmo tempo, o

modelo de luta contra a voz autoritária da burguesia e a chave para se captar a fusão entre o material e o espiritual, o efêmero e o eterno no seio da sociedade moderna.

O FLÂNEUR

Baudelaire vislumbra o herói moderno nos limites da cidade grande. É no processo de fusão com a multidão que surge o homem do novo tempo, que busca, em meio ao turbilhão, compreender e captar a essência desse novo mundo. O pintor do mundo moderno, para Baudelaire, deve ser dotado da capacidade de observação e investigação e, para isso, além de ser apenas mais um transeunte da metrópole, a ele cabe um mergulho minucioso na multidão, a fim de captar o seu significado mais profundo.

Para se falar da figura do flâneur como um dos arquétipos do herói do moderno, é imprescindível que se conheça Georges-Eugène Haussmann, que, nomeado prefeito de Paris por Napoleão III, foi considerado o grande remodelador da cidade, entre 1852 e 1870, com a contribuição dos mais renomados arquitetos e engenheiros da França na época. Modificando parques parisienses, criando outros e construindo vários edifícios públicos, Haussmann planejou uma nova cidade. Foi ele o responsável pelo melhoramento do sistema de distribuição de água e também criou uma grande rede de esgotos.

Esse processo de modernização urbana, que transformou Paris em uma das mais importantes cidades da Europa, mudou completamente a face da capital francesa. Haussmann demoliu antigas ruas, pequenos comércios e moradias da cidade e criou uma capital geometricamente ordenada por avenidas e bulevares, fato esse que, além de trazer um elevado grau de sofisticação, também colaborou com o fim dos levantes populares, as barricadas de Paris. Tem-se, assim, na Paris de Haussmann, o cenário propício para o surgimento do flâneur, importante máscara baudelairiana do herói moderno.

Segundo Edmund White (2001), “o flâneur é, por definição, um ser dotado de imensa ociosidade e que pode dispor de uma manhã ou uma tarde para zanzar sem direção” (p. 48). Trata-se do observador que, ao percorrer os bulevares e cafés, recolhe as mais variadas impressões da multidão para passá-las ao papel. O passeio na cidade, para o flâneur, não pode ter um objetivo delimitado, mas funciona como uma forma de entrega ao fluxo descontínuo das vastas e inumeráveis faces do mundo moderno.

Em *O pintor da vida moderna*, Baudelaire transporta para o papel aquilo que define como sendo a essência do flâneur. Segundo ele, o flâneur é o observador apaixonado, que fixa residência no inumerável da multidão e que capta no movimento dos passantes aquilo que é, ao mesmo tempo, fugidio e infinito. O ato de flunar consiste em:

Estar fora de casa e, contudo, sentir-se em casa onde quer que se encontre; ver o mundo, estar no centro do mundo e permanecer oculto no mundo, eis alguns prazeres desses espíritos independentes, apaixonados, imparciais, que a linguagem não pode definir senão toscamente. (COELHO, 1988, p. 170-171).

Esse herói solitário que mergulha na multidão à procura de inspiração precisa fruir pelo desconhecido, buscar na efemeridade do mundo aquilo que possa chamar de modernidade, a mesma modernidade que se define como o contingente, cuja outra metade é o eterno. A cidade é a sua casa; a multidão, sua família. Mesmo assim, o poeta sente o peso da solidão em meio ao frenesi dos passantes. O que importa para ele é captar o instante, vasculhar a essências das almas que desfilam perante seus olhos.

Mediante a caracterização do flâneur enquanto herói moderno, Baudelaire realiza uma importante junção de termos, outrora excludentes. O eterno e o efêmero, díspares por natureza, assumem aqui a função de faces de uma mesma realidade. O mesmo se pode afirmar em relação às palavras ‘multidão’ e ‘solidão’. Apesar de ter a multidão como lar, o flâneur é um ser solitário, envolto em seus pensamentos e observações acerca da realidade em constante transformação. Além disso, embora veja a cidade como uma extensão de seu próprio lar, essa mesma cidade lhe causa estranhamento, devido às transformações trazidas pelo progresso.

O flâneur atinge, em Baudelaire, o caráter de herói moderno exatamente por conseguir expressar a turbulência da modernidade e enxergar o eterno no instante, no fugidio. Ele é, por excelência, o “detentor de todas as significações urbanas, do saber integral da cidade, do seu perto e do seu longe, do seu presente e do seu passado” (ROUANET, 1992, p. 50).

Segundo Baudelaire, se a cidade é o mais perfeito cenário para esse herói moderno, as ruas passam então a ser a sua moradia e são elas que “conduzem o flunador a um tempo desaparecido. Todas elas são íngremes.” (BENJAMIN, 1994, p.185-186). Com essa afirmação, Walter Benjamin estabelece uma relação de Baudelaire, frequente

‘perambulador’ das ruas de Paris, com seu passado, com o tempo perdido desde a infância.

O flâneur, ao passear pelas ruas da metrópole, não capta somente as coisas que lhe atingem o olhar, mas a alma dos objetos e dos passantes, levando-lhe a uma visão das coisas além das coisas mesmas.

A rua se torna moradia para o flâneur que, entre as fachadas dos prédios, sente-se em casa tanto quanto o burguês entre suas quatro paredes. Para ele, os letreiros esmaltados e brilhantes das firmas são adorno de parede tão bom ou melhor que a pintura a óleo no salão do burguês; muros são escrivaninhas onde apóia o bloco de apontamentos; bancas de jornal são suas bibliotecas, e os terraços dos cafés, as sacadas de onde, após o trabalho, observa o ambiente. (BENJAMIM, 1994, p. 35).

É com esse olhar mais profundo do flâneur que Baudelaire solidifica sua definição de modernidade, pois esse herói consegue captar na efemeridade do instante na futilidade de algum evento, no furtivo olhar das pessoas, fragmentos de eternidade.

O HERÓI BAUDELAIRIANO E A MULTIDÃO

O texto *As multidões*, de Charles Baudelaire, demarca com muita clareza a perspectiva do poeta no que se refere à ideia de herói moderno e sua relação com a modernidade. Trata-se de um poema em prosa publicado na obra *Spleen de Paris* que é concebida por Baudelaire como uma série de poemas complementares de *Flores do mal*.

A prosa poética baudelaireana traz consigo uma nova linguagem. Trata-se de um poema sem ritmo e sem rima, porém, “suficientemente flexível para adaptar-se aos impulsos líricos da alma, às modulações do sonho, aos saltos e sobressaltos da consciência” (BERMAN, 1998, p. 144).

Dotado de grande sensibilidade, Baudelaire ilustra, através desses poemas, sua mais pura concepção de poesia. O poeta surge aqui como o ser solitário que, através da própria imaginação, viaja através do grande deserto de homens e cujo objetivo é mergulhar no instante das circunstâncias. Basicamente, o poeta baudelaireano é aquele que procura qualquer coisa que se possa nomear como modernidade, retirando do contexto histórico sua poesia e transformando o efêmero em eterno.

Nascendo o poeta moderno em meio ao turbilhão da cidade grande, a temática da multidão é de extrema importância no pensamento de Baudelaire. Ao falar

sobre o pintor da vida moderna, o poeta afirma ser ele “um príncipe que frui por toda parte o fato de estar incógnito”; “um espelho tão grande quanto essa multidão”; um indivíduo “que entra na multidão como num reservatório de eletricidade”; ou ainda “um caleidoscópio dotado de consciência, que, a cada um dos seus movimentos representa a vida múltipla e o encanto cambiante de todos os elementos da vida” (BAUDELAIRE, 1995a, p. 857).

Se a cidade é o local onde o poeta moderno fixa residência, a multidão torna-se a razão última de sua existência. É necessário entendê-la, captar sua essência, encontrar um sentido por trás dos passantes que se misturam ao turbilhão. No início do poema *As multidões*, o eu-lírico demonstra não ser privilégio de todos a busca pelo sentido da multidão. Segundo ele, “não é dado a qualquer um penetrar na multidão, e só faz, às expensas do gênero humano esse lauto banquete de vitalidade quem desde o berço recebeu de uma fada o gosto do disfarce e da máscara, o ódio do domicílio e a paixão da viagem” (BAUDELAIRE, 1995b, p. 41).

Com essa afirmação, percebe-se a intenção do autor de descrever um tipo, um ser capaz de captar o significado por trás do elevado número de pessoas que circulam pela cidade. A expressão ‘penetrar na multidão’ assume aqui um caráter descritivo, em que o eu lírico inicia seu processo de caracterização do herói moderno. É interessante notar que Baudelaire escreve o poema como se estivesse pintando uma tela. Penetrar significa ‘tomar um banho de multidão’. Ao banhar-se na multidão, mistura-se com ela, entra em comunhão com todas as pessoas que compõem o quadro.

Depois de atribuir ao poeta moderno a capacidade de captar o sentido da multidão e vasculhar seu medos, anseios e paixões, Baudelaire reforça suas características. O herói moderno é o ser dotado do gosto pelo disfarce, pela máscara, como destacado acima.

Nota-se nesse trecho os primeiros traços de personificação moderna do herói, onde o narrador do poema focaliza a importância da máscara e do disfarce no processo de fusão entre o poeta e a multidão e ainda a necessidade que ele tem de transitar pelas ruas, quase que imperceptivelmente. Aqui já temos presentes as figuras do flâneur e do dândi, cuja paixão pelos passantes e a inquietação diante de tamanhas transformações trazem à tona os seus desejos e anseios.

Tanto o flâneur quanto o dândi possuem um requisito indispensável para que possam banhar-se na multidão: o prazer pelo ócio. O horror ao domicílio e a paixão pela viagem ressalta essa necessidade de dispor de um tempo livre suficiente para

caminhar pelas ruas, perdido em meio às pessoas, esquecido do tempo. O dândi e o flâneur são observadores profissionais e são eles que, através da arte, possuem a competência necessária para gozar a multidão.

Além de utilizar-se das figuras do flâneur e do dândi para caracterizar o herói da modernidade, Baudelaire também o compara a um convalescente, como se nota no seguinte trecho de *O pintor da vida moderna*:

Atrás das vidraças de um café, um convalescente, contemplando com prazer a multidão, mistura-se mentalmente a todos os pensamentos que circulam à sua volta. Resgatado há pouco das sombras da morte, ele aspira com deleite todos os indícios e eflúvios da vida; como estava prestes a tudo esquecer, lembra-se e quer ardentemente lembrar-se de tudo. Finalmente, precipita-se no meio da multidão à procura de um desconhecido cuja fisionomia, apenas vislumbrada, fascinou-o num relance. A curiosidade transformou-se numa paixão fatal, irresistível! (BAUDELAIRE, 1995a, p. 856).

Depois da apresentação do herói moderno, distinguindo-o dos demais seres, Baudelaire destaca no poema *As multidões* os grandes paradoxos existentes na modernidade que habitam o seu ser e que, devido ao seu caráter de comunhão e contradição, transformam o poeta passante em um eterno questionador da vida.

O primeiro paradoxo diz respeito à fusão entre multidão e solidão. Segundo ele, esses são “termos iguais e conversíveis para o poeta diligente e fecundo” (BAUDELAIRE, 1995b, p. 41) e servem para demarcar as duas faces do herói moderno: de um lado é necessário que ele saiba povoar sua solidão e por outro lado é preciso que ele aprenda a ficar só em meio ao frenético transitar de pessoas.

Desse modo, termos outrora totalmente opostos, tornam-se faces de uma mesma moeda. O poeta, que não vê diferença entre solidão e multidão, é o único capaz de compreender o ato de estar só em meio ao turbilhão. Ao mesmo tempo em que toma a multidão por esposa, ele a rejeita, mistura-se com ela, mantendo certa distância. É como se ele estivesse fora e dentro dela ao mesmo tempo. Ele usa desse artifício de estar só em meio ao coletivo para alimentar-se da multidão e transformá-la em arte.

Outro paradoxo está no trecho: “o poeta goza do incomparável privilégio de ser, à sua vontade, ele mesmo e outrem. Como as almas errantes que procuram corpo, ele entra, quando lhe apraz, na personalidade de cada um” (BAUDELAIRE, 1995b, p. 41).

Vemos aqui a presença da alma lírica do poeta, que, devido à sua incrível capacidade de observação, consegue assumir diversas personalidades. Ao mesmo tempo

em que credita autenticidade à sua existência, mostrando-se ele mesmo, assume a personalidade de outrem, fundindo-se com os indivíduos e descobrindo seus medos, inquietações e anseios.

Novamente percebe-se o herói moderno como aquele que se divide, capaz de vestir diversas máscaras e, com elas, assumir personalidades diferentes. Ao mesmo tempo em que ele é o flâneur, perspicaz observador da multidão e conhecedor da alma humana, ele pode se transformar no dândi, em seu culto ao artificial, capaz de transitar entre os sofisticados salões de festa e os prostíbulos da periferia, sempre mantendo a elegância que lhe é peculiar.

Baudelaire ainda destaca outras contradições que se fundem no poema, como podemos perceber no seguinte trecho: “aquilo a que os homens chamam de amor é muito pequeno, muito limitado e muito frágil, comparado com essa inefável orgia, a esta sagrada prostituição da alma que se dá inteira” (BAUDELAIRE, 1995b, p. 41).

Ao utilizar o termo “sagrada prostituição da alma”, percebe-se a fusão entre o material e o espiritual, muito presente na linha temática baudelairiana. Com essa expressão encontramos, no poema, o significado pleno do termo modernidade em Baudelaire: a fusão entre o eterno e o efêmero.

O termo ‘sagrado’ remonta ao transcendente, àquilo que está situado em outra esfera, ao espiritual. Essa palavra é utilizada como representação daquilo que foge à corrosão do tempo, ao eterno. Já o termo ‘prostituição’ destaca o desejo carnal do ser humano, aquilo que está situado na esfera material. Fazendo parte da carne, da matéria, essa palavra direciona-se à face efêmera da modernidade.

Berman, ao falar sobre a visão baudelairiana da modernidade, afirma que a “visão da vida moderna tende a se bifurcar em dois níveis: o material e o espiritual” (BERMAN, 1998, p. 129). Para ele, um erro cometido por grande parte dos críticos da modernidade foi encarar esses termos como irremediavelmente separados. Enquanto uns encaram o modernismo como sendo puro espírito desenvolvido através das manifestações artísticas, outros situam seus pensamentos no campo da modernização, valorizando os processos materiais que se desenvolvem com escassas (ou nenhuma) interferências do espírito humano.

Esse dualismo tão presente nas análises críticas é o que torna difícil captar o sentido mais importante do que seja a vida moderna: “a fusão de suas forças materiais e espirituais, a interdependência do indivíduo e o ambiente moderno” (BERMAN, 1998, p. 129).

Berman valoriza a peculiaridade de Baudelaire como o poeta capaz de situar o seu herói em meio a esses dois planos. Ao caracterizar a modernidade como o efêmero cuja outra metade é o eterno, Baudelaire rompeu o dualismo matéria/espírito.

Em *As multidões*, utilizando-se da expressão ‘sagrada prostituição’, não só mostrou a necessidade de unir esses dois lados, como deu coerência a essa mistura. Assim como, ao tomar banho de multidão, o poeta mergulha e se mistura com ela, ele também mistura os planos do eterno e do efêmero ao participar da inefável orgia que é o ato de flânar.

Baudelaire também valoriza no poema o estado de embriaguês do poeta quando em contato com a multidão: “o passeador solitário e pensativo encontra singular embriaguez nessa comunhão universal” (BAUDELAIRE, 1995b, p. 41). Nota-se uma grande valorização da atividade do flâneur, pois observar aqui assume a função de conduzir o herói à comunhão com os objetos observados. Ao tomar a multidão como sua esposa, o flâneur conhece “gozos febris” e participa de momentos de felicidade inalcançáveis para aqueles que não possuem a sua percepção.

A felicidade desse processo de comunhão do herói baudelairiano com a multidão situa-se em um plano superior à felicidade dos outros indivíduos, como ele afirma no poema: “é bom algumas vezes lembrar aos felizes deste mundo, ao menos para lhes humilhar por um instante o orgulho tolo, que há felicidades superiores à deles, mais vastas e mais requintadas” (BAUDELAIRE, 1995b, p. 41).

Baudelaire contrapõe a figura do herói moderno à do egoísta e do preguiçoso. O dândi e o flâneur entregam-se ao prazer de circular pela cidade à procura de, por um lado, distinguir-se da multidão e, por outro, entrar em comunhão universal com ela, numa espécie de embriaguez e de gozo febril. Já o egoísta e o preguiçoso fecham-se em si mesmos, vivem trancados em suas casas, em seus trabalhos, em suas vidas pequeno-burguesas e não possuem a vontade e a disponibilidade de desposar a multidão, tal qual o herói moderno.

Um último ponto que merece destaque na presente análise é a tentativa de identificação e distinção de duas importantes personificações do herói moderno, a saber: o dândi e o flâneur. Pelo que vimos até agora, *As multidões* traz como principal temática o relacionamento entre o poeta e a multidão e como essa relação faz emergir uma fusão de termos, até então, totalmente contraditórios. Desse modo, o poema é alicerçado nas inquietações que povoam a alma do poeta e de que modo isso influencia na formação do conceito baudelairiano de modernidade.

Pode-se identificar a figura do dândi e do flâneur dentro do poema, com suas respectivas caracterizações e distinções, observando de modo mais detalhado o seguinte trecho: “Multidão, solidão: termos iguais e conversíveis para o poeta diligente e fecundo. Quem não sabe povoar sua solidão também não sabe estar só em meio a uma multidão atarefada” (BAUDELAIRE, 1995b, p. 41).

A figura do herói moderno está intimamente ligada a esses dois termos: *multidão* e *solidão*. O poeta moderno é aquele que, mesmo misturando-se à multidão, consegue preservar a sua solidão e, sendo assim, solidão e multidão são duas faces do herói que não podem se desvencilhar.

O dandismo, como afirma Baudelaire (1995a, p. 871) “é, antes de tudo, a necessidade ardente de alcançar uma originalidade dentro dos limites exteriores das conveniências”. O dândi é, assim, herói moderno que, mesmo em meio ao turbilhão, sente desejo de ser distinto da multidão e, por isso, transitando entre os grandes salões e os periféricos prostíbulos, não abre mão de uma boa vestimenta, de gestos delicados e, principalmente, da maquiagem.

Podemos afirmar, portanto, que o dândi é aquele que sabe estar só em meio à multidão atarefada. É a face da modernidade que, mesmo sabendo depender da outra metade determinada pela multidão, não abre mão da sua individualidade. Ele se vê participante do turbilhão da grande metrópole, mas possui uma espécie de singularidade própria de sua condição.

O flâneur é considerado o detetive da cidade que, com seu senso de observação aguçado, transforma em arte os constantes acontecimentos da multidão. É o poeta que, ao fixar domicílio na multidão, se entrega plenamente a ela. Sua maior preocupação é analisar o que se passa com os indivíduos que passeiam pelas ruas, quais os seus medos e anseios. Trata-se aqui de uma tentativa de povoar a sua própria solidão, entrando em comunhão com todos os participantes do espetáculo da modernidade chamado multidão.

Para tanto, mais do que preservar sua singularidade, o flâneur é aquele que

Desposa a massa, conhece os prazeres febris dos quais serão eternamente privados o egoísta, fechado como um cofre, e o preguiçoso, ensimesmado como um molusco. Ele adota como suas todas as profissões, todas as alegrias e todas as misérias que as circunstâncias lhe deparam. (BAUDELAIRE, 1995b, p. 41).

Nisso consiste sua realização plena e seu júbilo: fixar morada na multidão, penetrar na consciência dos indivíduos e, principalmente, perceber em meio ao movimento e ao fugidio, uma dose significativa de eternidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Baudelaire é considerado o precursor da poética da modernidade. Dotado de uma sensibilidade estética fortemente apurada, ele não limitou sua obra às construções românticas de seu contexto histórico, mas brindou o mundo com o anúncio de um momento artístico completamente novo. O herói moderno, em Baudelaire, vai encontrar sua inspiração nas ruas, em meio à multidão, moldando sua criação artística de acordo com as contradições existentes nesse admirável mundo novo que se lhe apresenta.

Para a compreensão do sentido da modernidade em Baudelaire, é preciso que se estude esse termo em distinção aos termos ‘modernismo’ e ‘modernização’. Modernismo está relacionado ao movimento artístico e, segundo Walter Benjamin, pode ser encarado por muitos como o puro espírito. Já a modernização representa o desenvolver das estruturas materiais, uma visão do progresso que se desenvolve por si mesmo. Temos, portanto, uma visão espiritual e outra material sobre o surgimento de um novo tempo.

Baudelaire, ao utilizar o termo modernidade, destaca a necessidade do herói moderno de realizar uma comunhão entre o modernismo e a modernização, entre o espiritual e o material. E é isso que visualizamos de maneira muito forte no desenrolar de todo seu pensamento.

Adentrar a obra e o pensamento baudelairiano é o mesmo que ver o mundo pelos olhos de seus heróis. Através deles, podemos captar a sensibilidade e a beleza existentes em cada vestígio de modernidade nos grandes edifícios, nas multidões, através da descrição de uma mulher que passeia pelos bulevares, de um casal que desfruta dos agradáveis e luxuosos cafés, dos pobres violentamente jogados nas periferias da metrópole ou ainda de um cadáver putrefato de um animal encontrado à beira da estrada.

A comunhão do poeta com o material e o espiritual realizada devido à descoberta do eterno no efêmero alcança em Baudelaire sua magnitude. Devido à ousadia de seu pensamento e pela singularidade na personificação de seus heróis,

podemos concluir que, sem sombra de dúvida, Charles Baudelaire é o grande poeta do mundo moderno, o dândi e o flâneur retratado por ele próprio.

REFERÊNCIAS

BAUDELAIRE, Charles. **As flores do mal**. Trad. e prefácio Ivan Junqueira, Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1985.

_____. **Poesia e Prosa**. Org. Ivo Barroso. Trad. Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995a. p. 851-871.

_____. As Multidões. In: **O Spleen de Paris**: pequenos poemas em prosa. Trad. Leda Tenório da Mata. Rio de Janeiro: Imago, 1995b. p. 41.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire**: um lírico no auge do capitalismo. Trad. José Martins Barbosa e Hemerson Alves Batista. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BOUÇAS, Luiz Edmundo. Um dandy decadentista e a estufa do novo. In: RIO, João do. **A mulher e os espelhos**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1995.

COELHO, Teixeira. **A modernidade de Baudelaire**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra S. A., 1988.

WHITE, Edmund. **O flâneur: um passeio pelos paradoxos de Paris**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ROUANET, Paulo Sérgio. É a cidade que habita os homens ou eles são habitados por ela? In: **Revista USP**. Dossiê Walter Benjamin, set./out./nov./ 1992, n. 15. São Paulo: EDUSP, 1992. p. 49-75.